

## REDE ESCOLAR: (RE)CONFIGURAÇÕES, TENSÕES E DESAFIOS?

### VIII Simpósio de Organização e Gestão Escolar

Universidade de Aveiro, 09/05/2017

*Agradeço à UA e ao Prof. António Neto Mendes o convite para participar neste painel, na qualidade de Presidente do Conselho das Escolas.*

*E agradeço-lhe não apenas por cortesia, mas sobretudo pelo seu significado simbólico. Na verdade, nem sempre todos têm o entendimento de que as Escolas devem ser chamadas a intervir em assuntos que lhes dizem diretamente respeito, como é o caso da rede escolar.*

Antes de olhar para o futuro e vos falar nos desafios que enfrentará a rede escolar, é conveniente que todos percebamos a amplitude deste conceito.

Desde logo, a rede escolar compreende o conjunto de escolas (escolas no sentido de equipamentos escolares) que existem numa determinada região geográfica, bem como a rede de educação a distância. Compreende também a oferta formativa, os recursos materiais e financeiros alocados, os alunos, os professores, os funcionários e, indiscutivelmente, compreende também a população que serve.

Como vêm teríamos tema para vários painéis.

Vou fixar-me apenas em alguns aspetos da rede escolar e no seu desenvolvimento futuro.

## 1. A DIMENSÃO E A DISPERSÃO GEOGRÁFICA DA REDE ESCOLAR

---

O nosso primeiro olhar, quando refletimos sobre a rede escolar de uma região, fixa-se nas escolas que existem nessa região. Mais precisamente fixa-se nas escolas públicas que existem na região, que se articulam por imposição da administração educativa e, em muitos casos, por iniciativa própria, para proceder a alguns ajustes da sua conveniência.

Todavia, para além das Escolas públicas, as escolas privadas também integram a rede escolar, mesmo aquelas com quem o Estado não contratualizou a prestação do serviço educativo.

Também integram a rede escolar todos os centros/serviços de formação, de jovens e adultos, existentes na região. Inclusivamente serão de considerar na rede escolar as empresas disponíveis e capazes de oferecer formação profissional, integrante da formação dos alunos.

Sem ter em conta situações extremas, quer de escassez quer de excesso de equipamentos escolares, a evolução das taxas de natalidade em Portugal nos últimos anos, permite-nos afirmar com alguma segurança que o desenvolvimento futuro desta rede não passará pelo incremento na construção de equipamentos escolares.

Portanto, a **primeira observação que faço é a seguinte**: com exceções pontuais, a atual rede escolar parece ser, quer em termos da quantidade de equipamentos, quer em termos da sua dispersão geográfica, **suficiente** para acolher todos os jovens e proporcionar-lhes 12 anos de formação escolar, no futuro próximo.



## 2. A QUALIDADE DA RESPOSTA DA REDE ESCOLAR

---

A rede escolar existe para servir a população de uma região e, se a sua primeira função foi a de lhe proporcionar uma educação básica, atualmente exige-se que essa rede ofereça a todos, especialmente aos jovens em idade escolar, não apenas uma **educação escolar de qualidade**, mas também uma formação que responda às suas **expetativas e anseios**.

As administrações educativa e autárquica procuram fazer esforços, nomeadamente através da gestão da oferta educativa, no sentido de a rede escolar em cada região responder às exigências da **complementaridade** e da **diversidade**, evitando, por um lado a duplicação de oferta desnecessária e, por outro, oferecendo uma variedade de cursos e formações que vá de encontro a estudos de prospeção levados a cabo por várias instituições, bem como às necessidades identificadas nas cartas educativas que, na verdade e em muitos casos, se encontram desatualizadas.

Em todo o caso, defendo que o planeamento e a gestão da rede escolar, devem sustentar-se em critérios de racionalidade económica e no combate ao desperdício. Faço notar que esta minha defesa da racionalidade da rede escolar e do combate ao desperdício, não se alcançam por via das junções e fusões artificiais e forçadas de escolas, que se operaram no passado recente e de que resultaram “mega unidades” de gestão”, cujos efeitos e consequências ainda não foram – e temo que não venham a ser - devidamente avaliados.

Penso que a rede escolar de qualquer região, independentemente da respetiva dimensão, deve continuar a guiar-se por estas duas linhas de referência: **diversidade e complementaridade**. Diversidade para satisfazer a procura e complementaridade para racionalizar a oferta.



Penso também que a atual configuração da rede escolar assenta excessivamente no setor público – em equipamentos, instituições e serviços públicos – e que se daria um impulso qualitativo se fosse possível reforçar a presença do setor privado nessa rede, não apenas ao nível das entidades de formação, mas sobretudo ao nível das empresas.

É possível e desejável que mais empresas participem no processo de formação e educação dos jovens e adultos, não apenas no que toca à disponibilidade para oferecer estágios profissionais, mas também na definição da própria oferta formativa.

Penso que as políticas educativas e o esforço financeiro público necessários à qualificação da rede escolar devem ser orientados, não tanto para a existência de uma oferta educativa de 50% de cursos profissionais na rede pública, mas, sobretudo, para que essa oferta seja assegurada por toda a rede escolar, ampliando-se as condições de formação efetiva de todos e de cada português, especialmente dos jovens em idade escolar.

### **3. OS DESAFIOS FUTUROS DA REDE ESCOLAR**

---

A Rede Escolar do futuro deve ser capaz de responder a uma procura cada vez mais diferenciada nos seus interesses e mais exigente na qualidade da formação oferecida.

A rede deve ser desenhada de forma a facilitar e a flexibilizar a permeabilidade entre percursos escolares e a proporcionar a maior diversidade possível de oferta de formação e educação, valendo-se de todos os recursos instalados e a instalar, públicos e privados, nomeadamente das empresas.

O cidadão, especialmente os jovens cidadãos, devem ser o centro das políticas educativas, nomeadamente das que presidem à organização



e gestão da rede. Nesta linha, a rede escolar do futuro deve estar mais preparada do que a atual para responder às escolhas dos cidadãos, pois, mais que hoje, não serão indiferentes aos cidadãos as ofertas educativas de cada escola/instituição formadora, nem a qualidade percebida que têm do serviço que cada uma lhes presta.

Nesta linha de pensamento, considerando precisamente a centralidade dos cidadãos em formação e a pluralidade de interesses e expectativas, não tenho dúvidas de que a rede escolar do futuro vai exigir uma maior diferenciação e, eventualmente, alguma “especialização” das escolas, que terão tendência a melhorar e a qualificar o serviço que oferecem, e que é procurado pelos cidadãos, e não tanto em diversificá-lo em demasia.

**Indiscutivelmente, no futuro, a rede escolar precisará de escolas com mais autonomia.**

09 de maio de 2017  
José Eduardo Lemos  
Presidente do Conselho das Escolas

